

Imaginar mundos, narrar futuros

Clara de Souza Rocha Meliande (Esdi/Uerj, Brasil)
clara@clarameliande.com

Paula de Oliveira Camargo (Esdi/Uerj, Brasil)
paula.poc@gmail.com

O debate “Narrar, imaginar e pensar outros mundos”, que trouxe as apresentações dos professores Eduardo Costa (FAUUSP) e Erick Felinto (FCS/UERJ) para o seminário *Designs por vir: pensar, narrar e praticar outros mundos* aproximou os campos da história do design com os estudos de mídia, aliando a crise da imaginação à história ambiental. Buscando encontrar os vestígios de um mundo cuja materialidade configurava as relações sociais e de trabalho, por um lado, e entender como a contemporaneidade vive a imaterialidade como o novo padrão de interação, por outro, Costa e Felinto trouxeram abordagens distintas para uma questão comum. Que designs podem ser pensados para o mundo que habitamos hoje? Que mundo é esse, que relações e que tipo de ação se podem, enquanto profissionais de projeto – logo, que pensam o “porvir” do mundo –, realizar de modo a não intensificar ainda mais o quadro de colapso climático, ambiental, político e ético que se agrava em todas as partes do globo terrestre?

À primeira vista, pode parecer que nada há a fazer. Que o estrago é irreversível, que o mundo está em colapso, que aquele futuro que nos séculos XIX e XX brilhava perante olhos maravilhados por novas descobertas e tecnologias chegou e não é luminoso, a não ser pelos raios ultravioleta que atravessam uma camada de ozônio perfurada e ajudam a subir, verão a verão, mais um grau no termômetro. A pergunta que não pára de zumbir nos nossos ouvidos então é: o que (e como) fazer?

Enquanto buscamos “ficar com os problemas”, “encontrar cogumelos no fim do mundo” e “reivindicar o animismo”,¹ tentamos entender também como navegar por esse momento específico. Parece-nos que vivemos uma transição de modo de vida, e que não é apenas a espécie humana que vive esse momento. As espécies e suas relações entre si estão se reconfigurando, e nesse contexto inserimos também, já que mencionamos o animismo, a relação com as “coisas” e com os demais entes que coabitam o planeta. Pedras, montanhas, água, terra, magma, cogumelos, líquens, bactérias, vírus. Os movimentos estão em curso, e aprender novos modos de convivência interspecies parece essencial para que possamos ter algum futuro – ainda que talvez não tão brilhante.

Eduardo Costa convida-nos a repensar as imagens através de um mergulho pelas materialidades: seja pelos rastros do papel e do processo fotográfico, seja pelo objeto fotografado. No caso apresentado por ele, vemos uma fotografia de Marcel Gautherot que registra uma névoa de minério de ferro e algumas figuras humanas, tirada provavelmente na década de 1930. Qual

1 Referências às obras de Donna Haraway (2022), Anna Tsing (2023) e Isabelle Stengers (2017).

era a origem geográfica do sal de prata usado para revelar e fixar as imagens fotográficas, encarnadas no papel? Os circuitos, as redes e as circulações de matéria prima e de produtos e seus processos produtivos deveriam fazer parte das narrativas da história do design. A crise climática, cada vez mais inquestionável pela frequência aumentada de catástrofes, nos faz perceber que ciência e natureza não andavam juntas como fomos levadas a crer pelo Iluminismo. O humanismo foi danoso demais para os não-humanos e a natureza, e a história do design não deveria estar dissociada da história ambiental, defende Costa.

Se essa História, com *H* maiúsculo, vem sendo contada a partir das imagens e dos produtos criados, é preciso agora encontrar outros modos de narrá-la. Se é fato, ainda, que o humanismo trouxe danos a outras espécies e aos biosistemas, isso também se deve ao fato de a humanidade ter, a partir do Iluminismo, se distanciado de uma visão ampliada de natureza. Como se houvesse distinção entre “ser humano” e “ser mundo”. Ora, essa distinção não é possível, e isso é cada vez mais comprovado por eventos de grandes proporções que, quando ocorrem, atingem sobretudo justamente aqueles que se julgaram apartados dessa mesma natureza: os seres humanos. Epidemias de proporções globais, enchentes, ondas de calor, ciclones, derretimento de geleiras... nomeie o fenômeno e veja quem é atingido por ele.

Erick Felinto, em sua fala, aponta para a nossa dificuldade atual de imaginar futuros visíveis. De imaginar, ponto. Segundo ele, o campo político durante muito tempo não prestou atenção à dimensão dos afetos, das emoções e das imagens. Produção de imagem e de imaginário são partes constituintes do campo do design – assim como uma certa fixação pela ideia de futuro. Construimos mundos e, como defende Donna Haraway, “importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundos mundificam mundos. Importa quais estórias contam estórias” (HARAWAY, 2023, p. 69).

É de se pensar, então, que a criação de novas imagens cria novos mundos. Seguindo a linha proposta por Haraway, também importa que imagens imaginam imagens. A “dificuldade de imaginar futuros visíveis” apontada por Felinto denuncia, mais uma vez, o que já intuíamos: **este** é o futuro. Aquele futuro imaginado décadas atrás, quando desenhos animados da Hanna-Barbera mostravam a vida de famílias da Idade da Pedra Lascada ou de famílias de um futuro em que o chefe ligava para o empregado pelo televisor

de casa e o serviço doméstico era realizado por um robô de avental.² Esse futuro chegou. Utópico ou distópico, o futuro ainda visível imaginado por David Foster Wallace em *Graça infinita*, por Aldous Huxley em *Admirável mundo novo*, por Isaac Asimov nos contos de *Eu, robô*,³ por designers e arquitetos modernistas que criaram um modelo de mundo onde esse futuro pudesse existir e ganhar espaço: este é aquele futuro. Estaremos vivendo então aquele modelo de futuro, e também suas consequências?

Para começar o exercício narrativo de, a partir do mundo que existe, pensar outros mundos, recorreremos ao conceito de *artes de notar*, de Anna Tsing. Sugerindo descentralizar o foco de atenção e perspectiva no humano, Tsing investe na atenção às cumplicidades inesperadas, à sobrevivência colaborativa entre espécies, entendendo colaboração enquanto contaminação, pois o encontro possibilita trabalhar por meio das diferenças e se afetar pelo outro. “Estamos presos ao problema de viver *apesar* da ruína econômica e ecológica. As fábulas de progresso ou de ruína não nos ensinam como pensar sobre a sobrevivência colaborativa” (TSING, 2022, p. 62. Grifo nosso.) Para ela, o termo Antropoceno, apesar de algumas interpretações mais otimistas (como “o triunfo do humano”), indica que “sem planejamento ou intenção, os seres humanos fizeram do nosso planeta uma bagunça”.

- 2 Referências às séries animadas “Os Flintstones” e “Os Jetsons”, produzidos pelo estúdio Hanna-Barbera. “The Flintstones” foi exibido de 1960 a 1966, tendo diversas sequências e releituras até o início dos anos 2000. “The Jetsons” foi veiculado entre 1962 e 1963 em sua primeira temporada, e entre 1985 e 1987 nas duas temporadas seguintes, tendo também desdobramentos em outros produtos.
- 3 *Graça infinita* (Infinite jest), de David Foster Wallace, foi publicado em sua versão original em 1996. O romance narra um cenário em que os Estados Unidos e o Canadá não existem mais, tendo sido substituídos pela poderosa “Onan”, a Organização de Nações Norte-Americanas. Uma enorme porção do continente se tornou um depósito de lixo tóxico. Separatistas quebequenses praticam atos terroristas e a contagem dos anos foi vendida às grandes corporações. *Admirável mundo novo* (Brave new world), de Aldous Huxley, é um romance publicado em 1932 que se passa em Londres no ano de 2540 – ou 632 DF (Depois de Ford). O livro antecipa desenvolvimentos em tecnologia reprodutiva, hipnopedias, manipulação psicológica e condicionamento clássico, que se combinam para mudar profundamente a sociedade. *Eu, robô* (I, robot), de Isaac Asimov, é um clássico da ficção científica publicado originalmente em 1950. *Eu, Robô* é um conjunto de nove contos que relatam a evolução dos autômatos através do tempo. Neste livro são apresentadas as Três Leis da Robótica, princípios que regem o comportamento dos robôs e que mudaram a percepção que se tem sobre eles na própria ciência, sendo: (1ª Lei) Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra algum mal; (2ª Lei) Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que entrem em conflito com a Primeira Lei; (3ª Lei) Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Leis.

Ela defende ainda que, apesar de o prefixo *antropo* designar humano, a “bagunça” não tem início junto ao surgimento da espécie humana, ou mesmo por alguma característica biológica, mas sim a partir do advento do capitalismo moderno – que, em sua visão, “tem causado a destruição em larga escala de paisagens e ecologias”.

Esta linha do tempo, no entanto, torna o *antropo*- ainda mais problemático. Imaginar o humano a partir da ascensão do capitalismo nos vincula a ideias de progresso e à difusão de técnicas de alienação que transformam tanto os humanos quanto os outros seres em recursos. Tais técnicas tem segregado humanos e policiado identidades, ofuscando a sobrevivência colaborativa. O conceito do Antropoceno tanto evoca esse conjunto de aspirações, que poderíamos chamar de prepotência do humano moderno, como alimenta a esperança de que poderíamos nos desvencilhar dessa confusão. Será possível viver dentro desse regime ditado pelo humano e ainda assim superá-lo? TSING, 2022, pp. 62-63. Grifo da autora.

O design é uma prática em que a cooperação, a experimentação e a transformação desempenham papéis cruciais, pois é uma prática articuladora. Mas designers foram e seguem sendo ensinados que seu trabalho é resolver problemas e projetar para o futuro. Pensando com esses problemas, nos acostumando cada vez mais a ficar com eles, a viver com eles, e a trabalhar com eles – e à luz de recentes tragédias sanitárias e ambientais como o rompimento de barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), a frequência cada vez maior de incêndios de grandes proporções no bioma do cerrado brasileiro, a proliferação de doenças como a Covid-19 em escala mundial, e mais recentemente o aumento do nível das águas que inundou grande parte do Rio Grande do Sul (2024), apenas para mencionar algumas no Brasil – resolvemos imaginar que noção ou noções de “futuro” são possíveis no colapso do mundo (ou, parafraseando Isabelle Stengers, “no tempo das catástrofes”).

**

Rio de Janeiro, 1º de março de 2245.

A orla da cidade segue com os muros que construímos após a Grande Ressaca de 1º de março de 2095. Completando hoje 149 anos, a Muralha, que cerca e contém o mar, faz também o arrimo das casas que foram construídas às suas margens, e que são recorrentemente demolidas pela prefeitura. Sim, todos sabem que não é permitido, e muito menos seguro, construir uma casa usando a muralha de contenção do mar como arrimo. Os vazamentos

são constantes e, além disso, há sempre o risco iminente de remoção, o que vem acontecendo cada vez com maior frequência.

Parece irônico que a Grande Ressaca tenha ocorrido exatamente no aniversário da cidade. O tradicional bolo de aniversário, que media 530 metros simbolizando os quinhentos e trinta anos da fundação do Rio de Janeiro em 1565, serpenteava por mais de um quarto da Avenida Atlântica. À beira do mar de Copacabana, essa ainda era uma das poucas ruas da cidade que não tinham adotado o nome de uma pessoa. O festejo vinha acontecendo ali desde 2060, quando as ruas do Centro pareceram ficar pequenas para as proporções que o evento tinha atingido, com shows e comida grátis. O palco já estava montado há uma semana, e muita gente dormia na praia há dias aguardando a apresentação da maior cantora do século. A população chegava e se aglomerava em toda a extensão do bolo, guardado por policiais fortemente armados – a ponto de nos perguntarmos se o que guardavam era, realmente, o bolo.



RESSACA NO Rio de Janeiro em 2023. Fonte: Dan Delmiro. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/29/rio-sydney-e-kingston-veja-cidades-que-estarao-parcialmente-submersas-ate-meados-do-seculo.ghtml>



ONDAS ATINGEM um paredão em frente a edifícios em Taizhou, província de Zhejiang, leste da China. Foto: AFP .Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/29/rio-sydney-e-kingston-veja-cidades-que-estarao-parcialmente-submersas-ate-meados-do-seculo.shtml>



MINISTRO DA justiça de Tuvalu faz seu discurso para a COP 26 com água nos joelhos para mostrar como as mudanças climáticas já estão afetando a ilha, 2021. Disponível em <https://edition.cnn.com/2021/11/08/world/tuvalu-minister-climate-crisis-intl-hnk/index.html>



RIO DE Janeiro em 2050 tem sua orla constantemente alagada e já não é possível ver sua faixa de areia. Imagem produzida pelas autoras por descrição com o programa Midjourney.

Durante o atípico mês de fevereiro daquele ano, frio e chuvoso, capivaras e cutias eram vistas correndo pela cidade durante os ensaios dos blocos pré-carnavalescos que ocupavam as ruas do Centro. Cachorros se recusavam a sair de casa e gatos tentavam pular janelas. Enquanto isso, a maioria das pessoas se perguntava o que estaria acontecendo, sem conseguir prever o que estava por vir. Embora o nível do mar já tivesse subido consideravelmente, ainda não chegava a ser uma ameaça, e a ampliação da faixa de areia ao longo de toda a orla parecia dar conta de manter o mar no seu lugar, e a cidade sem se mover.

O comportamento dos animais parecia curioso, e acabou gerando uma nova *influencer* instantânea: Juju, a cutia pisoteada pelos foliões que sobreviveu graças aos cuidados da equipe de resgate do Jardim Botânico. Juju tinha se tornado, inclusive, a mascote do aniversário de 530 anos do Rio, e também estava presente nos festejos, acondicionada em uma gaiola gigante que reproduzia o ambiente do Campo de Santana, de onde ela havia fugido. Ela corria em círculos dentro da gaiola, raspava as barras tentando sair, e acabou sendo levemente sedada para não atrapalhar o clima da festa.

A guerra de narrativas que havia se tornado padrão nos anos 2020 era ingenuamente contida por meio de restrições oficiais a sites e redes sociais, mas as fake news e o negacionismo sempre encontravam um jeito de se espalhar. Era difícil conseguir convencer mesmo governantes do perigo iminente, embora cientistas e pesquisadores viessem trazendo alertas há anos.

A prefeita estava enfim anunciando o início das comemorações quando o rugido vindo do mar começou a se tornar mais presente. Aquele murmúrio que até então parecia agradável foi crescendo, até parecer um trem desenfreado. A parede d'água começou a se formar, obstruindo a visão das montanhas no horizonte. Foi nessa hora que o pânico começou a se instaurar, embora muita gente ainda se recusasse a acreditar no perigo iminente. Enquanto algumas pessoas tentavam correr e a equipe de guardas, atordoada, tentava organizar a saída sem destruir o bolo que obstruía a passagem, a parede ia crescendo rapidamente. Juju, impávida e esquecida em sua gaiola-parque urbano, olhava para o horizonte. Houve também quem ficasse paralisado, apenas esperando o desenrolar dos acontecimentos. A onda de trinta metros de altura se aproximava da praia e, quando chegou, entrou por mais de dois quilômetros engolindo Urca, Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon, São Conrado, Barra, Recreio, até Guaratiba e chegando a Sepetiba, Itaguaí e também Niterói, Itaipuaçu e Maricá, entrando pelos túneis e pelo metrô, pelas janelas dos apartamentos, levando objetos, pessoas e animais em direção ao continente.

*

Calcula-se que cerca de 400 mil pessoas tenham morrido nesse episódio, além, como era de se esperar, da cutia Juju e de milhares de cães e gatos aprisionados em apartamentos. As cidades da região serrana do estado viram, com algum assombro, a chegada de um grande número de bichos fugidos, se tornando um santuário para animais típicos da fauna carioca.

*

Um ano após a Grande Ressaca, a Muralha estava de pé. Hoje comemoramos o aniversário de 680 anos de fundação da cidade, e de 149 anos da Muralha que reconfigurou nossa paisagem. A Grande Ressaca completou exatos 150 anos, mas para isso não há celebrações. Depois dela, não houve mais ondas que atingissem a mesma proporção, mas o nível do mar seguiu subindo e hoje está cinco metros acima do que era no início dos anos 2000. Os edifícios da orla foram tomados pela sombra da imensa parede, e quem sobreviveu à Ressaca de 2095 se mudou para lugares mais altos da cidade ou do estado. A valorização dos bairros de Santa Teresa, Gávea, Penha e Alto Tijuca foi sem precedentes, assim como da Rocinha e Serra da Misericórdia. Rapidamente, a gentrificação foi sentida nos bairros que estavam mais “seguros”, e a população mais pobre da cidade se deslocou para os limites da Muralha.

A nova paisagem não permite mais frequentar as praias do Rio, que se tornou uma cidade de costas para o mar. A necessidade de invenção de uma nova “vocalização” para a cidade, como os especialistas em marketing urbano gostavam de falar nas últimas décadas do século xx, vem sendo o maior desafio desde então. Até aquele momento conhecida por sua “resiliência”, a cidade do Rio vem lutando para recuperar seu acesso ao mar. Depois de 149 anos de Muralha, especialistas vêm estudando como (e se) é possível reconfigurar a orla, traçando novas demarcações e ajustando a cidade aos novos limites demandados pela água. A exemplo de outras cidades e países que se constituíram abaixo do nível do mar, o Rio de Janeiro recebeu os efeitos da crise climática vendo parte de seu território submergir, especialmente a partir da Grande Ressaca.

Estudos apontam que a recuperação da faixa litorânea depende de muitos fatores. Projeções de elevação do nível do mar nos próximos anos, previsões de deslocamento de placas tectônicas, planejamento de contenção de encostas e de manutenção das estruturas existentes, assim como planos de contingência caso a empreitada apresente riscos à população após a derrubada da Muralha. Além disso, o plano depende também da ação conjunta entre os governos municipal, estadual e federal, uma vez que os limites da Muralha vão além da cidade do Rio de Janeiro. A exemplo do que aconteceu com a despoluição da Baía de Guanabara, é sabido que quando esse tipo de arranjo é necessário, as negociações são muitas e o ritmo é lento. Desse modo, é de se esperar que precisemos aguardar pelo menos mais cinquenta anos para que a cidade volte a se virar de frente para aquele que sempre foi seu principal patrimônio: o mar.

**

Em 2005, o furacão Katrina, um dos mais avassaladores da história dos Estados Unidos, passou por Louisiana, Mississippi e Alabama e destruiu principalmente a região de New Orleans. Cercada por água, a cidade era protegida por diques que haviam sido construídos 100 anos antes. Os grandes muros não foram suficientes para evitar a tragédia. Anos depois da passagem do furacão, o sistema desenvolvido como nova solução foi, principalmente, subir mais os muros e tentar assim blindar a cidade contra as forças do antropoceno. Ou seja, novas velhas maneiras de lidar com a natureza, na intenção de domá-la. Tentando separá-la do humano, ainda a considerando como recurso deste, a serviço deste. Tsing sublinha que o termo antropoceno serve para nos “conscientizar sobre o quanto não controlamos e sobre a desordem que nossa espécie causou sem nunca parar para pensar” (TSING, 2023, p.126). Essa luta já está fadada ao fracasso, os sinais estão cada vez mais visíveis. Como Costa defende, a concepção moderna de mundo já morreu e precisamos fazer o seu luto. Acrescentamos aqui que, para além do luto do moderno, é preciso também que se possa fazer o luto do capitalismo. A questão é: como fazemos a transição, ou o luto e passagem, para uma outra perspectiva de mundo, onde seres humanos e natureza não estejam apartados? Tsing sugere começar explorando “a bagunça para avaliar as possibilidades que ainda existem nela”, deixando para trás “os sonhos irrealistas de domínio” (TSING, 2023, p.127).

As populações ligadas à terra – indígenas, ribeirinhas, entre tantas outras espalhadas pela Terra – têm enfrentado o fim do mundo desde o seu encontro com a dita “civilização”. Ailton Krenak, em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, deixa uma mensagem importante para os designers, que exercem uma profissão que nasceu dos movimentos e tecnologias baseados em uma ideia de civilização que capturou os mundos daqueles a quem chamam “selvagens”. O consumo tomou o lugar da cidadania: “transformamos as pessoas em clientes, não em cidadãos”, diz Krenak (2019, p. 24). O autor sugere que a queda do abismo é inevitável, mas que cabe a nós escolher **como** cair. Portanto, se não podemos evitar o fim do mundo, podemos adia-lo recontando histórias de outras formas. Para isso, é preciso superar a crise da imaginação, e poder imaginar outros mundos neste mesmo planeta que coabitamos.

Neste momento, sabe-se que diversos territórios – países inteiros!!! – estão não apenas à beira de um colapso ambiental, mas enfrentam a iminência de seu próprio desaparecimento. Ou, pelo menos, da redução drástica dos limites de suas fronteiras. Esse cenário não é novo, imprevisto, ou mesmo surpreendente. O aumento do nível do mar vem sendo literalmente anunciado

desde pelo menos a metade do século passado. Entretanto, “deixar o problema para os netos” naquele momento parecia ainda uma perspectiva distante e difusa. Pois bem: somos os netos. Os netos estão aqui. Somos gerações de netos sobre um planeta que tem países desaparecendo sob a água. As Maldivas, Tuvalu, Ilhas Marshall, Nauru e Kiribati devem sumir do mapa até 2100. Nossos descendentes só as conhecerão por imagens. Relatório da ONU aponta que até 2050 – apenas 26 anos nos separam desse marco – as cidades do Rio de Janeiro e de Santos serão afetadas pelo aumento do nível do mar e terão pelo menos 5% de seu território alagado. Fugiremos para as montanhas? Quem poderá se abrigar nessas áreas? Comunidades serão removidas para dar lugar a condomínios de luxo? A Vieira Souto será substituída pelo morro do Vidigal como o metro quadrado mais caro da cidade? Construiremos também muros nas praias? Ainda será desejoso morar perto do mar, esse ente da natureza que ostenta nas nossas caras que o mundo não é mais o mesmo e que tem, nas marés, o reflexo e a evidência dos danos causados à natureza pela humanidade que cisma em seguir adiante como se não fosse parte?

O que fazer com o que existe e é problemático? Como reconfigurar o que já existe mas não é mais seguro? Como reconstruiremos locais devastados, como o estado do Rio Grande do Sul, de maneira responsável e segura considerando a nova realidade climática? Diversas cidades cresceram ao redor das curvas dos rios, voltadas para as facilidades que esses traziam: o acesso à água em si, à alimentação e ao transporte, seja para circulação, troca comercial ou abastecimento. Teremos que deslocá-las? Manteremos os escombros para serem repovoados com novas espécies? Para Tsing, novas formas de vida podem brotar de um mundo em ruínas. Num contexto em que o design não pode ser mais entendido como uma atividade produtiva e econômica que leva ao esgotamento do mundo, como nós, designers, podemos partir também das ruínas como meio de brotar novas materialidades num cenário pós-capitalista?

A partir dos questionamentos acima, é possível pensar que narrativas de futuro poderemos construir. Uma delas, e possivelmente a mais óbvia, aparece aqui na forma de um Rio de Janeiro que se viu submerso após o advento da Grande Ressaca de 2095. Outras narrativas, menos distópicas, são certamente possíveis, mas não se mantivermos o mesmo distanciamento que caracteriza o excepcionalismo humano como a regra, como nomeia Anna Tsing, das “ruínas do capitalismo”. Acreditar que importa que estórias contem estórias e que mundos mundificam mundos implica também acreditar ser possível criar modos de narrar o mundo a partir do que existe, mas sendo capazes de imaginar futuros em que a integração entre “nós” e “eles”

(sendo “nós” os humanos e “eles” tudo aquilo que não seja humano) possa parecer verossímil, que possa de fato pautar a ciência e o debate político. Se Felinto nos confronta com uma crise da imaginação e Costa com o luto pelo mundo moderno, entendemos que há outros caminhos a seguir, a partir dos escombros não do que virá a ser, mas do que já existe. Os futuros já chegaram, e é somente a partir deles que podemos construir os que ainda virão. Deixar-se contaminar – e se transformar pelo encontro com outras espécies – é um caminho para que nós humanos abandonemos a primazia do humanismo e observemos na natureza formas possíveis de regeneração. Já identificamos bactérias que se alimentam de plástico, e fungos, de radiação. Tal qual uma ficção científica.

Referências

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. São Paulo: N-1, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Vida sustentável é vaidade pessoal. Entrevista a Fernanda Santana**. In *Jornal Correio*, 25 de janeiro de 2020. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/entrevista-vida-sustentavel-e-vaidade-pessoal-diz-ailton-krenak--0120>

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. In *Caderno de Leituras* n.62. Edições Chão da Feira, 2017. Trad. Jamille Ribeiro Dias. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. São Paulo: N-1, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Paisagens antropogênicas**. In *Pise a grama: vegetalidades* (edição especial), 2023, p.124-131.

“**Mar pode engolir parte de Santos e do Rio de Janeiro, revela estudo da ONU**”. G1, 28/11/2023 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2023/11/28/mar-pode-engolir-parte-da-cidade-de-santos-revela-estudo-da-onu.ghtml>

VIDON, Filipe. Rio, Sydney e Kingston: veja cidades que estarão parcialmente submersas até meados do século: nível do mar deve subir 23,84 cm no Rio e 27,74 cm em Santos entre os anos de 2040 e 2059. In O Globo. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2023. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/29/rio-sydney-e-kingston-veja-cidades-que-estarao-parcialmente-submersas-ate-meados-do-seculo.ghtml>

Como referenciar

MELIANDE, Clara de Souza Rocha; CAMARGO, Paula de Oliveira. Imaginar mundos, narrar futuros. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 11-25, jul./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.85835>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 20/04/2024 | Aceito em 20/05/2024